

Depois de monges e reis chegaram os universitários



Texto: João Fonseca
Fotos: Luís Carregá

Hoi a última residência de D. Duarte Nuno e D. Francisca. Antes disso e de ser palácio foi simples capela e, depois, convento hieronimita. Sofreu, entretanto, profundas alterações, a principal das quais consequente de um incêndio que quase o destruiu completamente, em 1860. É o Palácio de S. Marcos, cedido exclusivamente para fins universitários e parauniversitários à Universidade de Coimbra, em Julho de 1976.

A dezena e meia de quilómetros de Coimbra, perto da estrada que liga esta cidade à Figueira da Foz, o Palácio de S. Marcos domina a colina de S. Silvestre, autêntico miradouro para Coimbra, serras do Buçaco e Lousã e campos do Baixo Mondego. Uma colina que, pela paisagem e situação geográfica, era, pois, o lugar propício para João Gomes da Silva instituir a capela, que, na doação de D. Brites Meneses, se transformou em convento e onde, mais tarde, depois de passar por mãos particulares com a extinção das ordens religiosas, vem erguer-se, na parte da adega e celeiro, o palácio. Em Abril de 1452 iniciou-se, no local da pequena ermida, e conforme recorda ainda José Pedro Adélino Esteves, em trabalho de 1978, publicado em «O Instituto», a construção da igreja e logo os monges começaram a celebrar os officios divinos.

Mais tarde, numa arrematação da quinta de S. Silvestre, a que ilegalmente se juntaram os bens da Capela de S. Marcos, passaram estes para a posse da rainha D. Isabel, que ordenou a sua restituição aos monges. Mas os trabalhos de construção continuaram, durante os quais os monges e a família dos Silvas acordaram em transformar a igreja do convento em paróquia.

Já no século seguinte, em 1510 e 1559 novos períodos de obras se verificaram, sendo, então, o monumento valorizado, para, um século mais tarde, se realizarem novos trabalhos, que se prolongariam até meados do século XVIII.

Em 1860, devorou o mosteiro um gigantesco incêndio de que só se salvaram o corpo da igreja e as partes baixas do dormitório, ficando em ruínas as restantes partes, que só se ergueram dos escombros aquando da construção do palácio da família dos Braganças.

Das chamas salvou-se, assim, aquilo que Bertaux considerou um museu único para Portugal, da escultura do século XV (gótico um pouco vegetal) e do século XVI (Renascença em exílio francês). Um «museu» com documentos como os túmulos das capelas-mores e dos reis, de grande riqueza artística, representando as fases da imaginação que vão do flamígero ao barroco, num ciclo que começa na batalha de Aljubarrota e termina em Alcácer Quibir. Ou documentos outros, como o retábulo que ocupa a cabeceira do santuário e levou Paul Vitry a considerar que algumas das melhores obras do Renascimento francês não se encontram em França.

Aquilo que o incêndio de 1860 poupou constitui, sem dúvida, a parte mais rica do Palácio e está hoje declarada como monumento nacional, aberta ao público. O resto, construído na sua quase totalidade no século passado, o palácio propriamente dito, esse está ao serviço exclusivo da Universidade, não admite visitas públicas, mantém fielmente a sua traça original, algum recheio vendido por D. Duarte Nuno, sendo, no entanto, a maior parte do seu mobiliário adquirida pela Universidade (designadamente à Fundação Ricardo Espírito Santo).

Da realeza para a ciência

Quando, em 1976, o herdeiro da Casa de Bragança deixou a sua residência (e após algumas tentativas de ocupação), foram muitos os projectos sonhados, um dos quais visava a criação de uma pousada. A Universidade de Coimbra veio, no entanto, a vencer a batalha, na qual se empenhou particularmente o prof. Luís Albuquerque, então governador civil de Coimbra (mais tarde vice-reitor da Universidade) e, desde sempre, presidente da comissão instaladora do Palácio de S. Marcos. O maravilhoso e imponente edifício estava, no entanto, profundamente degradado, mas desde logo foram iniciados os trabalhos de restauro e recu-

peração, que o dinheiro foi coisa que nunca abundou. Mesmo assim, recorda o prof. Luís Albuquerque, foi possível comprar mobiliário em antiquários e vai sendo possível preservar o monumento, cujos 17 quartos (quase todos com casa de banho privativa e alguns com lareira e salas contíguas) alojam boa parte dos investigadores que se deslocam a Coimbra.

O Palácio de S. Marcos é, assim, a pousada privativa da Universidade, a sua sala de visitas, o local escolhido para servir banquetes a convidados como Sarney ou Machel. É, também, na sua sumptuosidade, local de reu-

nião e reflexão e descanso dos cientistas, ponto de encontro de gente da ciência e da cultura, como estabelece o protocolo de cedência à Universidade — que também consegue produzir nos terrenos anexos (30 hectares) produtos alimentares para as cantinas. Terrenos que, no entanto, poderiam ser mais rentáveis, mas ainda não há dinheiro para os investimentos necessários. E o que vai havendo não chega para as necessidades de restauro e conservação de um edifício que não teve quaisquer trabalhos entre 1940 e 1976, que carece ainda de mobiliário e outro recheio. □

Equipamento. Instalações
Valeu a pena

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31